

TRADUÇÃO

[PRECE PARA PEDIR A DEUS O BOM USO DAS DOENÇAS]¹

Andrei Venturini Martins*

O texto “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças”, de Blaise Pascal, mostra o itinerário do homem de fé imensamente grato a Deus pela dádiva de estar unido ao Cristo através das dores e doenças que assolam o corpo do fiel sofredor. Neste percurso sacrificial traçado pelo autor, o sofrimento aniquila a vontade que foi corrompida pelo pecado original, de modo que o indivíduo se torna um membro do corpo místico do Cristo sofredor, o qual estará presente no mundo até o fim dos tempos.

Introdução à tradução

Concedei-me conhecer bem que os males do corpo não são outra coisa senão a punição e a figura conjunta de todos os males da alma. (PASCAL, 1963, p. 363-364)

O manuscrito “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças circulava” em Port-Royal desde 1662, mas foi impresso pela primeira vez em 1666 e, em seguida, em uma edição dos “Pensamentos” no ano de 1670. Esta edição indicou que Pascal o compôs ainda jovem, em meados de 1647-1648. Todavia, sua irmã mais velha, Gilberte Périer, no texto a “Vida do Sr. Pascal”, ressalta que o manuscrito é posterior a 1659. (Cf. GOUIER, 1963, p. 352).

Mas não se pode conhecer melhor as disposições particulares nas quais ele sofria todas as suas novas indisposições dos últimos quatro anos de sua vida, senão por aquela *prece* admirável que nós aprendemos dele e que ele fez neste tempo *para pedir a Deus o bom uso das doenças*. (PÉRIER, 1963, p. 26)

¹ **Nota da Equipe Editorial:** Optamos por publicar esta tradução mantendo o conteúdo integral enviado pelo tradutor – os trechos originais em francês, resumo introdutório e seus comentários (o que normalmente dispensamos em nossas edições). Demais informações sobre o original de Pascal e sobre a presente tradução encontram-se no corpo deste texto.

* Andrei Venturini Martins é doutor em Filosofia, docente do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes) e autor da obra *A Verdade é Insuportável: ensaios sobre a hipocrisia* (Ed. Garimpo – 2015). dreivm@hotmail.com

Ao destacar a passagem acima na introdução das “*Éditions du Seuil*”, Henri Gouhier aponta que o manuscrito foi escrito pelo menos dez anos mais tarde do que a edição de 1670 estabeleceu. Ora, poderíamos dizer que este texto faz parte de um conjunto de outros textos denominados obras da maturidade de Pascal? Penso que esta questão delicada não pode ser respondida de maneira tão objetiva, já que o matemático faleceu jovem, com 39 anos. Com a saúde debilitada, o que era uma constante na sua vida, o filósofo francês aplicava todas as suas forças nos diferentes empreendimentos aos quais se dedicava, por este motivo, não sabemos como as obras até então compostas seriam digeridas e, talvez, “retocadas” caso Pascal tivesse saúde o bastante para analisar seus escritos. É claro que tais ajustes poderiam não acontecer e, por este motivo, a pergunta de uma possível avaliação madura da obra de Pascal é irrespondível, como afirmará Albert Béguin:

Uma das forças de Pascal, e o mais seguro meio que ele tinha de subjugar seu leitor, é a natureza tão juvenil de seu gênio. Não nos esqueçamos que ele morreu muito cedo, ou só se lembrem disso para calcular aquilo que teria sido sua obra da maturidade, e para deplorar esta perda. Para dizer a verdade, não podemos saber nada sobre isto, porque ele foi este homem e não um outro, cujo o destino era viver trinta e nove anos. (1952, p. 5)

O alcance da obra de Pascal é impossível de ser mensurado, pois naquilo que diz respeito à “sua obra de maturidade [...], nada podemos saber”, afirmou Albert Béguin. Projetarmos em um autor aquilo que achamos que ele deveria ser também não faz justiça àquilo que verdadeiramente foi o filósofo em questão. Assim, o manuscrito que traduzo abaixo deve ser lido por aquilo que sabemos que Pascal foi: um cristão católico apaixonado pela tradição da Igreja e, de maneira especial, por um dos ícones dentro desta tradição, Agostinho de Hipona. O contato que Pascal teve com a obra do bispo de Hipona foi sob a égide da temática jansenista, movimento do qual sua família fazia parte. Em linhas gerais, o jansenismo defendia a supremacia da graça de Cristo, a predestinação gratuita, a concupiscência da vontade, a corrupção da natureza humana de forma atávica depois do pecado original de Adão² e a miséria do homem sem Deus. Destas misérias, ressaltamos o reconhecimento da finitude, ou seja, da morte, e das doenças, tema central do texto “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças”. A visão da natureza humana como contaminada pelo pecado é algo que permeia tanto a reflexão de Agostinho assim como a do bispo

² Indico a obra “Discurso da Reforma do Homem Interior” de Cornelius Jansenius, traduzida e comentada pelo autor deste artigo. A obra está no prelo, e será publicada em 2015 (ou início de 2016), em uma edição bíblica, pela Editora *Filocalia*.

Jansenius, de modo que a relação entre natureza e doença consta logo no título da principal obra deste último, o “*Augustinus*”, como bem lembrou o intérprete Carraud:

Assim, para Jansenius como para Santo Agostinho, a doença é nossa natureza, como disto testemunha o próprio título do *Augustinus, seu Doctrina sancti Augustini de humanae naturae, sanitate, aegritudine, medicina adversus Pelagianos et Massilienses*; a doença, a anomalia, é tornada a norma. (2007, p. 162)

A nova ordem que se estabelece é aquela da doença e, por conseguinte, o sofrimento. Esta concepção do homem como um ser caído e miserável é constantemente ressaltada na “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças”, de modo que a doença é a manifestação objetiva dos efeitos do pecado. O Cristo, expressão viva do sacrifício capaz de subtrair todos os males do mundo e abrir as portas do Paraíso para o homem decaído, é afetado pelo sofrimento e pela dor. Entretanto, se o sofrimento e a dor no homem são justas consequências da Queda de Adão, no Cristo não o são. Salvo o pecado, o Filho de Deus, disposto a cumprir a missão dada pelo Pai, amou a humanidade assumindo todas as misérias da criatura lapsária. O sofrimento do Cristo é a prova do consentimento divino disposto a enfrentar todas as penas humanas, porém, sem merecê-las. Portanto, é o próprio sofrimento que é santificado pela santidade do Cristo e, por este motivo, participar do sofrimento do Cristo tornar-se-ia uma honra para o fiel pecador:

Ó Deus, que amais tanto os corpos que sofrem, que escolheste para vós o corpo mais devastado de sofrimento que jamais tinha estado no mundo! Agradastes meu corpo, não por ele mesmo, nem por tudo aquilo que ele contém, pois tudo nele é digno de vossa cólera, mas pelos males que ele suporta, que só podem ser dignos de vosso amor.. (PASCAL, 1963, p. 364)

Cristo é o sofredor por excelência, desta maneira, sofrer como cristão é participar da excelência de Cristo. Da doença, que inevitavelmente nos afeta, podemos fazer bom uso, aceitando-a como sofrimento que Deus permite, constituindo um instrumento que possibilita abrandar o orgulho do coração. Trata-se de uma doença corretiva: “Enviai-me agora a doença para me corrigir: não permitais que eu use dela para vos irritar com minha impaciência”. (PASCAL, 1963, p. 362). A impaciência, fruto do orgulho daquele que não reconhece a sua própria concupiscência, deve ser corrigida pela doença, deste modo, fazer um bom uso das doenças é usar dos flagelos para curar outra doença, aquela que se tornou norma, a doença da alma.

É neste espírito aturdido pelo sofrimento salutar que Pascal construirá um caminho de ascese à humildade cristã pela graça do sofrimento. O texto mostra um penitente que

reconhece (a) a si mesmo como pecador, (b) a necessidade da graça para cura e salvação e, de maneira especial, (c) o privilégio de participar dos sofrimentos do Cristo. Mas não podemos esquecer que o título do texto possui um substantivo que é capital para entendê-lo: *Prece*. Esta palavra, cujo adjetivo derivado latino *precarius* pode aumentar a nossa compreensão do sentido do termo, é capaz de nos oferecer dois sentidos que ampliam a nossa compreensão do texto: o primeiro, significa súplica, aquilo que se obtém pela prece (*prex*); o segundo, em linguagem jurídica, tem o sentido de título precário, mal assegurado, pouco seguro, passageiro. A partir disso, podemos dizer que fazer uma *Prece* é voltar-se a Deus, dirigindo-Lhe súplicas, mas não como o fariseu do evangelho de Lucas (18, 9-14), mas como o publicano que, ao confessar a própria precariedade, vulnerabilidade e contingência, eleva seu coração a Deus. Portanto, Pascal articulará sua “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças” aquilatando abertamente o mal-estar que nos habita.

Tradução: “Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças”³
“Prière pour demander à Dieu le bon usage des maladies”

I. Seigneur, dont l’esprit est si bon et si doux en toutes choses, et qui êtes tellement miséricordieux, que non seulement les prospérités, mais les disgrâces mêmes qui arrivent à vos élus sont les effets de votre miséricorde, *faites-moi* la grâce de n’agir pas en païen dans l’état où votre justice m’a réduit ; que, comme un vrai chrétien, je vous reconnaisse pour mon Père et pour mon Dieu, en quelque état que je me trouve, puisque le changement de ma condition n’en apporte pas à la vôtre, que vous êtes le même, quoique je sois sujet au changement, et que vous n’êtes pas moins Dieu quand vous affligez et quand vous punissez, que quand vous consolez, et que vous usez d’indulgence.

[I] (362a) – Senhor, cujo espírito é tão bom e tão doce em todas as coisas, e que sois tão misericordioso, que não somente as prosperidades, mas mesmo as desgraças que acontecem com vossos eleitos, são os efeitos de vossa misericórdia, concedei-me a graça de não agir como pagão no estado onde vossa justiça me submeteu: que como um verdadeiro Cristão eu vos reconheça como meu pai e meu Deus, em qualquer estado que me encontre, já que a mudança da minha condição não causa a vossa, porque vós sois sempre o mesmo,

³ A tradução foi dividida em parágrafos []; a seguir, entre parênteses, há referência à página, seguida da letra (a ou b) que se refere à coluna que foi traduzida.

embora eu esteja sujeito à mudança, e vós não sois menos Deus quando afligis e punis do que quando consolais e usais de indulgência.

II. Vous m'avez donné la santé pour vous servir, et j'en ai fait un usage tout profane. Vous m'envoyez maintenant la maladie pour me corriger : ne permettez pas que j'en use pour vous irriter par mon impatience. J'ai mal usé de ma santé, et vous m'en avez justement puni. Ne souffrez pas que j'use mal de votre punition. Et puisque la corruption de ma nature est telle, qu'elle me rend vos faveurs pernicieuses, faites, ô mon Dieu, que votre grâce toute-puissante me rende vos châtimens salutaires. Si j'ai eu le coeur plein de l'affection du monde, pendant qu'il a eu quelque vigueur, *anéantis* cette vigueur pour mon salut, et rendez-moi incapable de jouir du monde, soit par faiblesse de corps, soit par zèle de charité, pour ne jouir que de vous seul.

[III] (362ab) – Me destes a santidade para vos servir, e dela fiz uso totalmente profano. Enviai-me agora a doença para me corrigir: não permitais que eu use dela para vos irritar com minha impaciência. Eu usei mal da minha saúde, e por isto me tendes punido justamente. Não *tolereis* que eu use mal de vossa punição. E, já que a corrupção da minha natureza é tal que me torna vossos favores perniciosos, concedei, ó meu Deus, que vossa graça toda poderosa torne vossos castigos salutares. Se eu tive o coração pleno de afeição ao mundo enquanto ele teve algum vigor, aniquilai este vigor para minha salvação, e tornei-me incapaz de desfrutar do mundo, seja por fraqueza do corpo, seja por zelo da caridade, para somente desfrutar de vós.

III. Ô Dieu, devant qui je dois rendre un compte exact de ma vie à la fin de ma vie, et à la fin du monde ! Ô Dieu, qui ne *laissez* subsister le monde et toutes les choses du monde, que pour exercer vos élus, ou pour punir les pécheurs ! Ô Dieu, qui laissez les pécheurs endurcis dans l'usage délicieux et criminel du monde ! Ô Dieu, qui faites mourir nos corps, et qui à l'heure de la mort détachez notre âme de tout ce qu'elle aimait au monde ! Ô Dieu, qui m'arrachez à ce dernier moment de ma vie, de toutes les choses auxquelles je me suis attaché, et où j'ai mis mon coeur ! Ô Dieu, qui devez consumer au dernier jour le ciel et la terre, et toutes les créatures qu'ils contiennent, pour montrer à tous les hommes que rien ne subsiste que vous, et qu'ainsi rien n'est digne d'amour que vous, puisque rien n'est durable que vous ! Ô Dieu, qui devez détruire toutes ces vaines idoles, et tous ces funestes objets de nos passions ! Je vous loue, mon Dieu, et je vous bénirai tous les jours de ma vie, de ce qu'il vous a plu prévenir en ma faveur ce jour épouvantable, en détruisant à mon égard toutes choses,

dans l'affaiblissement où vous m'avez réduit. Je vous loue, mon Dieu, et je vous bénirai tous les jours de ma vie, de ce qu'il vous a plu me réduire dans l'incapacité de jouir des douceurs de la santé, et des plaisirs du monde ; et de ce que vous avez anéanti en quelque sorte, pour mon avantage, les idoles trompeuses que vous anéantirez effectivement pour la confusion des méchants, au jour de votre colère. Faites, Seigneur, que je me juge moi-même ensuite de cette destruction que vous avez faite à mon égard, afin que vous ne me jugiez pas vous-même ensuite de l'entière destruction que vous ferez de ma vie et du monde. Car, Seigneur, comme à l'instant de ma mort je me trouverai séparé du monde, dénué de toutes choses, seul en votre présence, pour répondre à votre justice de tous les mouvements de mon coeur, faites que je me considère en cette maladie comme en une espèce de mort, séparé du monde, dénué de tous les objets de mes attachements, seul en votre présence pour implorer de votre miséricorde la conversion de mon coeur ; et qu'ainsi j'aie une extrême consolation de ce que vous m'envoyez maintenant une espèce de mort pour exercer votre miséricorde, avant que vous m'envoyiez effectivement la mort pour exercer votre jugement. Faites donc, ô mon Dieu, que comme vous avez prévenu ma mort, je prévienne la rigueur de votre sentence ; et que je m'examine moi-même avant votre jugement, pour trouver miséricorde en votre présence.

[III] (362b-363a) – Ó Deus, diante de quem eu devo prestar uma conta exata de todas as minhas ações ao fim de minha vida e ao fim do mundo! Ó Deus, que não deixais subsistir o mundo e todas as coisas do mundo, senão para exercitar⁴ vossos eleitos ou para punir os pecadores! Ó Deus, que deixais os pecadores endurecidos no uso prazeroso⁵ e criminoso do mundo! Ó Deus, que *fazeis* morrer nosso corpo e, na hora da morte, desligais nossa alma de tudo aquilo que ela amava no mundo! Ó Deus, que me arrancais neste momento de minha vida de todas as coisas às quais me liguei e onde coloquei meu coração! Ó Deus, que deveis consumir no último dia o céu e a terra, e todas as criaturas que eles contêm, para mostrar a todos os homens que nada subsiste senão vós, e que assim nada é digno de amor senão vós, já

⁴ Exercitar ou exercício no século XVII significa submeter à prova. (Cf. Denise LEDUC-FAYETTE. *Pascal et le mystère du mal*. Paris: Clerf, 1996, p. 54). Pascal usa do mesmo termo ao fim do *Le Mémorial*, um escrito encontrado no bolso de seu paletó na ocasião de sua morte. Nele o autor descreveu uma experiência vivida no dia 23 de novembro de 1654, iniciada às 22:30 até por volta da 00:30. O cuidado com o qual o memorial foi escrito mostra que Pascal queria que tal lembrança estivesse sempre frente aos seus olhos. “Éternellement en joie pour un jour d'exercice sur la terre”. “Eternamente em alegria por um dia de exercício na terra.”. (PASCAL, Blaise. *Le Memorial*, Laf. 913. In: Idem, *Pensées*. Edition de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963). Ver também GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: Commentaires*. Paris: Vrin, 1971, p. 42, nota 78). Para o autor o termo significa “pena, cansaço, dificuldade”, uma prova da firmeza da fé ante às desventuras do cotidiano. Vale lembrar que o termo também foi usado por Jansenius no sentido de prova que exige superação: “Isto testemunhamos pela virtude dos Santos, pelo percurso de seus exercícios e seus combates”. (JANSENIUS, Cornelius. *Discours de la réformation de l'homme intérieur*. Paris, s.e. 1642, p. 41). Pascal partilhou da experiência cristã que a atmosfera jansenista promoveu, sendo um leitor entusiasmado do texto acima citado, donde, provavelmente, absorve o termo.

⁵ No original usa-se o termo *délicieux*.

que nada é durável senão vós! Ó Deus, que deveis destruir todos estes ídolos vãos e todos estes funestos objetos de nossas paixões! Eu vos louvo, meu Deus, e vos bendirei todos os dias de minha vida, porque vos agradou antecipar aquele dia espantoso⁶ em meu favor, destruindo todas as coisas a meu respeito, na fraqueza em que me sujeitastes. Vos louvo, meu Deus, e vos bendirei todos os dias de minha vida, porque foi de vosso agrado sujeitar-me à incapacidade de desfrutar das doçuras da saúde e dos prazeres do mundo, e porque aniquilastes, de alguma forma para meu proveito, os ídolos enganosos, estes que aniquilareis efetivamente para a confusão dos maus no dia de vossa cólera. Concedei, Senhor, que eu julgue a mim mesmo depois desta destruição que promoveste a meu respeito, a fim de que não me julgueis vós mesmo depois da total destruição que fareis da minha vida e do mundo. Porque, Senhor, dado que no instante de minha morte me encontrarei separado do mundo, desnudado de todas as coisas, somente em vossa presença, para responder à vossa justiça por todos os movimentos do meu coração, concedei que eu me considere nesta doença como em uma espécie de morte, separado do mundo, desnudado de todos os objetos de meus apegos, somente em vossa presença, para implorar de vossa misericórdia a conversão de meu coração; e que assim eu tenha um consolo extremo disto que vós me enviais agora, uma espécie de morte para exercer vossa misericórdia, antes que vós me envieis efetivamente a morte para exercer vosso julgamento. Concedei, portanto, ó meu Deus, que do mesmo modo que antecipastes minha morte, que eu antecipe o rigor de vossa sentença, e examine a mim mesmo antes de vosso julgamento, para encontrar misericórdia em vossa presença.⁷

IV. Faites, ô mon Dieu, que j'adore en silence l'ordre de votre Providence sur la conduite de ma vie ; que votre fléau me console ; et qu'ayant vécu dans l'amertume de mes péchés pendant la paix, je goûte les douceurs célestes de votre grâce durant les maux salutaires dont vous m'affligez. Mais je reconnais, mon Dieu, que mon coeur est tellement endurci et plein des idées, des soins, des inquiétudes et des attachements du monde, que la maladie non plus que la santé, ni les discours, ni les livres, ni vos Écritures sacrées, ni votre

⁶ Pascal agradece a Deus que, por meio das doenças, antecipou a seu favor os sofrimentos daquele “dia espantoso”, ou seja, daquele que os homens terão de suportar ao prestar a conta exata de seus males na ocasião do fim do mundo.

⁷ O suplicante demanda a Deus a habilidade de reconsiderar os fatos: que sua doença possa ser concebida como uma morte antecipada; que o rigoroso exame de sua própria consciência figure o justo julgamento vindouro por parte de Deus; que o sofrimento seja concebido como uma sentença necessária em decorrência do pecado. O autor demanda a antecipação da morte (doença), do julgamento (exame de si) e da sentença (concepção do sofrimento como pena do pecado), ou seja, a doença é uma morte antes da morte, o exame de si é um julgamento antes do julgamento e o sofrimento atual é uma expressão da sentença antes da sentença. Não esqueçamos que Pascal vislumbra esta punição como uma dívida que necessariamente deve ser paga a fim de ter a graça de “encontrar misericórdia em vossa presença”.

Évangile, ni vos Mystères les plus saints, ni les aumônes, ni les jeûnes, ni les mortifications, ni les miracles, ni l'usage des Sacrements, ni le sacrifice de votre Corps, ni tous mes efforts, ni ceux de tout le monde ensemble, ne peuvent rien du tout pour commencer ma conversion, si vous n'accompagnez toutes ces choses d'une assistance tout extraordinaire de votre grâce. C'est pourquoi, mon Dieu, je m'adresse à vous, Dieu Tout-Puissant, pour vous demander un don que toutes les créatures ensemble ne peuvent m'accorder. Je n'aurais pas la hardiesse de vous adresser mes cris, si quelque autre les pouvait exaucer. Mais, mon Dieu, comme la conversion de mon coeur que je vous demande, est un ouvrage qui passe tous les efforts de la nature, je ne puis m'adresser qu'à l'auteur et au maître tout-puissant de la nature et de mon coeur. À qui crierai-je, Seigneur, à qui aurai-je recours, si ce n'est à vous ? Tout ce qui n'est pas Dieu ne peut pas remplir mon attente. C'est Dieu même que je demande et que je cherche ; c'est à vous seul que je m'adresse pour vous obtenir. Ouvrez mon coeur, Seigneur ; entrez dans cette place rebelle que les vices ont occupée. Ils la tiennent sujette ; entrez-y comme dans la maison du fort ; mais liez auparavant le fort et puissant ennemi qui la maîtrise, et prenez ensuite les trésors qui y sont. Seigneur, prenez mes affections que le monde avait volées ; volez vous-même ce trésor, ou plutôt reprenez-le, puisque c'est à vous qu'il appartient, comme un tribut que je vous dois, puisque votre image y est empreinte. Vous l'y aviez formée, Seigneur, au moment de mon baptême qui est ma seconde naissance ; mais elle est tout effacée. L'idée du monde y est tellement gravée, que la vôtre n'est plus connaissable. Vous seul avez pu créer mon âme : vous seul pouvez la créer de nouveau. Vous seul y avez pu former votre image : vous seul pouvez la reformer, et y réimprimer votre portrait effacé, c'est-à-dire Jésus-Christ mon Sauveur, qui est votre image et le caractère de votre substance.

[IV] (363ab) – Concedei, ó meu Deus, que eu adore em silêncio a ordem de vossa providência adorável sobre a conduta de minha vida; que vosso flagelo me console e, tendo vivido no amargor de meus pecados durante a paz, que eu saboreie as doçuras celestes de vossa graça durante os males salutareos com que vós me afligis. Porém eu reconheço, meu Deus, que meu coração está tão endurecido e cheio de ideias, de preocupações, de inquietudes e de apegos do mundo, que a doença não mais que a saúde, nem os discursos, nem os livros, nem vossas Escrituras sagradas, nem vosso Evangelho, nem vossos mistérios mais santos, nem as esmolas, nem os jejuns, nem as mortificações, nem os milagres, nem o uso dos Sacramentos, nem o sacrifício de vosso Corpo, nem todos meus esforços, nem aqueles de todo o mundo conjuntamente, não podem fazer absolutamente nada para começar minha conversão, se vós não acompanhais todas estas coisas de uma assistência totalmente extraordinária de vossa graça. É por este motivo, meu Deus, que eu me dirijo a vós, Deus todo

poderoso, para vos pedir um dom que todas as criaturas conjuntamente não podem me conceder. Eu não teria a ousadia de vos dirigir meus gritos, se qualquer outro pudesse atendê-los. Porém, meu Deus, como a conversão do meu coração, a qual vos peço, é uma obra que ultrapassa todos os esforços da natureza, não posso me dirigir senão ao autor e mestre todo poderoso da natureza e do meu coração. A quem gritarei, Senhor, a quem recorrerei, se não for a vós? Tudo aquilo que não é Deus não pode preencher minha expectativa. É o próprio Deus que eu peço e procuro, e é a vós somente, meu Deus, para quem me dirijo para vos obter. Abri meu coração, Senhor, entrai neste lugar rebelde que os vícios ocuparam. Eles o⁸ mantêm submisso; entrai nele como em uma casa forte; porém, amarraí, inicialmente, o forte e potente inimigo que a⁹ domina e tomai em seguida os tesouros que nela estão. Senhor, tomai minhas afeições¹⁰ que o mundo tinha roubado; roubai vós mesmo este tesouro, ou melhor, retomai-o, já que é a vós que ele pertence, como um tributo que eu vos devo, já que vossa imagem está impressa no tesouro. Vós nele tínheis a sua imagem modelada, Senhor, no momento de meu batismo que é meu segundo nascimento, mas ela está totalmente apagada. A ideia do mundo está tão gravada neste tesouro que a vossa não é mais cognoscível. Só vós pudestes criar minha alma: só vós podeis criá-la de novo. Só vós pudestes modelar vossa imagem nela: só vós podeis modelá-la de novo e nela reimprimir vosso retrato apagado, isto é, Jesus Cristo meu Salvador, que é vossa imagem e o carácter¹¹ de vossa substância.

V. Ô mon Dieu, qu'un coeur est heureux, qui peut aimer un objet si charmant, qui ne le déshonore point et dont l'attachement lui est si salutaire ! Je sens que je ne puis aimer le monde sans vous déplaire, sans me nuire et sans me déshonorer ; et néanmoins le monde est encore l'objet de mes délices. Ô mon Dieu, qu'une âme est heureuse dont vous êtes les délices, puisqu'elle peut s'abandonner à vous aimer, non seulement sans scrupule, mais encore avec mérite ! Que son bonheur est ferme et durable, puisque son attente ne sera point frustrée, parce que vous ne serez jamais détruit, et que ni la vie ni la mort ne la sépareront jamais de l'objet de ses désirs ; et le même moment, qui entraînera les méchants avec leurs idoles dans une ruine commune, unira les justes avec vous dans une gloire commune ; et que, comme les uns périront avec les objets périssables auxquelles ils sont attachés, les autres subsisteront éternellement dans l'objet éternel et subsistant par soi-même auquel ils se sont

⁸ O pronome indica “este lugar”, ou seja, “o coração”.

⁹ O pronome indica a “casa forte”.

¹⁰ “Seigneur, prenez mes affections que le monde avait volées...”. (grifo meu) “*Affections*” tem o sentido de benevolência, carinho, ternura, amor.

¹¹ No sentido de traço específico, sinal peculiar e característico de uma imagem.

étroitement unis. Oh ! qu'heureux sont ceux qui avec une liberté entière et une pente invincible de leur volonté aiment parfaitement et librement ce qu'ils sont obligés d'aimer nécessairement !

[V] (363b) – Ó meu Deus, um coração é feliz quando pode amar um objeto tão encantador que não o desonre de modo algum e cujo apego lhe seja tão salutar! Sinto que eu não posso amar o mundo sem vos desagradar, sem me prejudicar e sem me desonrar, e entretanto, o mundo é objeto de minhas delícias. Ó meu Deus, uma alma é feliz quando vós sois as delícias, já que ela pode abandonar-se para vos amar, não somente sem escrúpulo, mas ainda com mérito! A felicidade da alma é firme e durável, já que sua espera não será frustrada de modo algum, porque vós não sereis destruído jamais, e nem a vida, nem a morte, jamais separarão a felicidade do objeto de suas delícias; ao mesmo tempo, [vós sois aquele] que arrastará os maus com seus ídolos dentro de uma ruína comum, unirá os justos convosco em uma glória comum; e do mesmo modo que uns perecerão com os objetos precívalos aos quais estão apegados, outros subsistirão eternamente no objeto eterno e subsistente por si mesmo ao qual estão estreitamente unidos. Oh! que felicidade estão aqueles que com uma liberdade total e uma inclinação invencível de sua vontade amam perfeitamente e livremente aquele que eles são obrigados a amar necessariamente!

VI. Achevez, ô mon Dieu, les bons mouvements que vous me donnez. Soyez-en la fin comme vous en êtes le principe. Couronnez vos propres dons ; car je reconnais que ce sont vos dons. Oui, mon Dieu ; et bien loin de prétendre que mes prières aient du mérite qui vous oblige de les accorder de nécessité, je reconnais très humblement qu'ayant donné aux créatures mon coeur, que vous n'aviez formé que pour vous, et non pas pour le monde, ni pour moi-même, je ne puis attendre aucune grâce que de votre miséricorde, puisque je n'ai rien en moi qui vous y puisse engager, et que tous les mouvements naturels de mon coeur, se portant tous vers les créatures ou vers moi-même, ne peuvent que vous irriter. Je vous rends donc grâces, mon Dieu, des bons mouvements que vous me donnez, et de celui même que vous me donnez de vous en rendre grâces.

[VI] (363b) – Completai, ó meu Deus, os bons movimentos que vós me dais. Sede o fim deles como sois o princípio. Coroaí vossos próprios dons, porque eu reconheço que estes são vossos dons. Sim, meu Deus, e bem longe de pretender que minhas preces tenham mérito que vos obrigue a concedê-las necessariamente, reconheço humildemente que, eu, tendo voltado às criaturas meu coração, que vós não tínheis moldado senão para vós, e não para o mundo, nem para mim mesmo, não posso esperar nenhuma graça senão de vossa

misericórdia, já que não tenho nada em mim que possa obrigá-lo a isto [a concedê-la], e todos os movimentos naturais do meu coração, encaminhando-se em direção às criaturas ou a mim mesmo, só podem vos irritar. Portanto, vos agradeço, meu Deus, pelos bons movimentos que me dais, e mesmo por este que me dais, de poder agradecê-Lo.

VII. Touchez mon coeur du repentir de mes fautes, puisque, sans cette douleur intérieure, les maux extérieurs dont vous touchez mon corps me seraient une nouvelle occasion de péché. Faites-moi bien connaître que les maux du corps ne sont autre chose que la punition et la figure tout ensemble des maux de l'âme. Mais, Seigneur, faites aussi qu'ils en soient le remède, en me faisant considérer, dans les douleurs que je sens, celle que je ne sentais pas dans mon âme, quoique toute malade et couverte d'ulcères. Car, Seigneur, la plus grande de ses maladies est cette insensibilité, et cette extrême faiblesse qui lui avait ôté tout sentiment de ses propres misères. Faites-les moi sentir vivement, et que ce qui me reste de vie soit une pénitence continuelle pour laver les offenses que j'ai commises.

[VII] (363b-363a) – Tocai meu coração para o arrependimento de minhas faltas, já que, sem esta dor interior, os males exteriores, pelos quais tocai meu corpo, serão uma nova ocasião de pecado. Concedei-me conhecer bem que os males do corpo não são outra coisa senão a punição e a figura conjunta de todos os males da alma. Porém Senhor, concedei também que eles [os males do corpo] sejam o remédio da alma, me fazendo considerar, nas dores que sinto, aquela que não sentia em minha alma, embora toda doente e coberta de úlceras, já que, Senhor, a maior das doenças da alma é a insensibilidade e aquela extrema fraqueza que havia retirado dela [da alma] todo sentimento de suas próprias misérias. Fazei-me senti-las [as misérias] vivamente, e que a vida que me resta seja uma penitência contínua para lavar as ofensas que cometi.

VIII. Seigneur, bien que ma vie passée ait été exempte de grands crimes, dont vous avez éloigné de moi les occasions, elle vous a été néanmoins très odieuse par sa négligence continuelle, par le mauvais usage de vos plus augustes sacrements, par le mépris de votre parole et de vos inspirations, par l'oisiveté et l'inutilité totale de mes actions et de mes pensées, par la perte entière du temps que vous ne m'aviez donné que pour vous adorer, pour rechercher en toutes mes occupations les moyens de vous plaire, et pour faire pénitence des fautes qui se commettent tous les jours, et qui même sont ordinaires aux plus justes, de sorte que leur vie doit être une pénitence continuelle sans laquelle ils sont en danger de déchoir de leur justice. Ainsi, mon Dieu, je vous ai toujours été contraire.

[VIII] (364a) – Senhor, embora minha vida passada tenha sido isenta de grandes crimes, de cujas ocasiões vós me distanciastes, ela foi para vós, entretanto, muito odiosa pela negligência contínua, pelo mal uso de vossos mais augustos sacramentos, pelo desprezo de vossas palavras e de vossas inspirações, pela ociosidade e a inutilidade total de minhas ações e de meus pensamentos, pela perda de todo tempo que vós não me tínheis dado senão para vos adorar, para procurar em todas as minhas ocupações os meios de vos agradar, e para fazer penitência pelas faltas que se cometem todos os dias, e que são ordinárias mesmo para os mais justos, de maneira que a vida deva ser uma penitência contínua sem a qual estamos em perigo de decair de sua justiça. Desta maneira, meu Deus, sempre fui contrário a vós.

IX. Oui, Seigneur, jusqu'ici j'ai toujours été sourd à vos inspirations : j'ai méprisé tous vos oracles ; j'ai jugé au contraire de ce que vous jugez ; j'ai contredit aux saintes maximes que vous avez apportées au monde du sein de votre Père Éternel, et suivant lesquelles vous jugerez le monde. Vous dites : « Bien-heureux sont ceux qui pleurent, et malheur à ceux qui sont consolés. » Et moi j'ai dit : « Malheureux ceux qui gémissent, et très heureux ceux qui sont consolés. » J'ai dit : « Heureux ceux qui jouissent d'une fortune avantageuse, d'une réputation glorieuse et d'une santé robuste. » Et pourquoi les ai-je réputés heureux, sinon parce que tous ces avantages leur fournissaient une facilité très ample de jouir des créatures, c'est-à-dire de vous offenser? Oui, Seigneur, je confesse que j'ai estimé la santé un bien ; non pas parce qu'elle est un moyen facile pour vous servir avec utilité, pour consommer plus de soins et de veilles à votre service, et pour l'assistance du prochain ; mais parce qu'à sa faveur je pouvais m'abandonner avec moins de retenue dans l'abondance des délices de la vie, et en mieux goûter les funestes plaisirs. Faites-moi la grâce, Seigneur, de réformer ma raison corrompue, et de conformer mes sentiments aux vôtres. Que je m'estime heureux dans l'affliction, et que, dans l'impuissance d'agir au dehors, vous purifiiez tellement mes sentiments qu'ils ne répugnent plus aux vôtres ; et qu'ainsi je vous trouve au-dedans de moi-même, puisque je ne puis vous chercher au-dehors à cause de ma faiblesse. Car, Seigneur, votre Royaume est dans vos fidèles ; et je le trouverai dans moi-même si j'y trouve votre Esprit et vos sentiments.

[IX] (364a) – Sim, Senhor, até aqui sempre fui surdo às vossas inspirações: desprezei vossos oráculos, julguei de forma contrária àquela com a qual vós julgais, eu contradisse as santas máximas as quais vós trouxestes ao mundo desde o seio de vosso Pai eterno, e segundo as quais julgareis o mundo. Dissestes: “Bem-aventurados são aqueles que choram, e desgraçados aqueles que são consolados”. E eu disse: “Desgraçados aqueles que gemem, e

felizes aqueles que são consolados”. Eu disse: “Felizes aqueles que gozam de uma vantajosa fortuna, de uma reputação gloriosa e de uma saúde robusta”. E por que os reputei felizes, senão porque todas estas vantagens lhes forneciam uma facilidade muito ampla de desfrutar das criaturas, isto é, de vos ofender? Sim, Senhor, confesso que estimei a saúde um bem, não porque ela é um meio fácil de servir-vos com utilidade e para consumir mais cuidados e vigílias a vosso serviço, nem para a assistência do próximo, mas porque, a favor dela [saúde] eu podia abandonar-me com menos comedimento na abundância das delícias da vida e melhor desfrutar dos seus funestos prazeres. Concedei-me a graça, Senhor, de reformar minha razão corrompida e de conformar meus sentimentos aos vossos. Que eu me estime feliz na aflição e que, na impotência de agir exteriormente, purifiqueis de tal forma meus sentimentos que eles não repugnem mais aos vossos, e que assim vos encontre dentro de mim, já que não posso procurar-vos fora por causa de minha fraqueza. Porém, Senhor, vosso Reinado está em vossos fiéis, e o encontrarei dentro de mim, se nele eu encontro vosso Espírito e vossos sentimentos.

X. Mais, Seigneur, que ferai-je pour vous obliger à répandre votre Esprit sur cette misérable terre ? Tout ce que je suis vous est odieux, et je ne trouve rien en moi qui vous puisse agréer. Je n’y vois rien, Seigneur, que mes seules douleurs qui ont quelque ressemblance avec les vôtres. Considérez donc les maux que je souffre et ceux qui me menacent. Voyez d’un oeil de miséricorde les plaies que votre main m’a faites, ô mon Sauveur, qui avez aimé vos souffrances en la mort ! Ô Dieu, qui ne vous êtes fait homme que pour souffrir plus qu’aucun homme pour le salut des hommes ! Ô Dieu, qui ne vous êtes incarné après le péché des hommes et qui n’avez pris un corps que pour y souffrir tous les maux que nos péchés ont mérité ! Ô Dieu, qui aimez tant les corps qui souffrent, que vous avez choisi pour vous le corps le plus accablé de souffrances qui ait jamais été au monde ! Ayez agréable mon corps, non pas pour lui-même, ni pour tout ce qu’il contient, car tout y est digne de votre colère, mais pour les maux qu’il endure, qui seuls peuvent être dignes de votre amour. Aimez mes souffrances, Seigneur, et que mes maux vous invitent à me visiter. Mais pour achever la préparation de votre demeure, faites, ô mon Sauveur, que si mon corps a cela de commun avec le vôtre, qu’il souffre pour mes offenses, mon âme ait aussi cela de commun avec la vôtre, qu’elle soit dans la tristesse pour les mêmes offenses ; et qu’ainsi je souffre avec vous, et comme vous, et dans mon corps, et dans mon âme, pour les péchés que j’ai commis.

[X] (364ab) – Porém, Senhor, que farei para vos agradecer por difundir vosso Espírito sobre esta miserável terra? Tudo aquilo que sou vos é odioso e não encontro nada em mim

que vos possa agradar. Eu não vejo nada em mim [que vos possa agradar], Senhor, só minhas dores que têm alguma semelhança com as vossas. Portanto, considerai os males que sofro e aqueles que me ameaçam. Vede com um olho de misericórdia os flagelos que vossa mão me tem feito, ó meu Salvador, que amastes vossos sofrimentos até a morte! Ó Deus, que não vos fizestes homem senão para sofrer mais que qualquer homem para salvação dos homens! Ó Deus, que não vos encarnastes depois do pecado dos homens e que não tomastes um corpo senão para sofrer nele todos os males que nossos pecados mereceram! Ó Deus, que amais tanto os corpos que sofrem, que escolhestes para vós o corpo mais devastado de sofrimento que jamais tinha estado no mundo! Tende [como] agradável meu corpo, não por ele mesmo, nem por tudo aquilo que ele contém, pois tudo nele é digno de vossa cólera, mas pelos males que ele suporta, que só podem ser dignos de vosso amor. Amai meus sofrimentos, Senhor, e que meus males vos convidem a me visitar. Porém, para concluir a preparação de vossa morada, concedei, ó meu Salvador, que se meu corpo tem isto [os sofrimentos] em comum com o vosso, que ele sofra por minhas ofensas, e que se minha alma tenha também isto em comum com a vossa, que ela esteja na tristeza pelas mesmas ofensas; e que assim eu sofra convosco, e como vós, no meu corpo e na minha alma, pelos pecados que cometi.

XI. Faites-moi la grâce, Seigneur, de joindre vos consolations à mes souffrances, afin que je souffre en Chrétien. Je ne demande pas d'être exempt des douleurs ; car c'est la récompense des saints : mais je demande de n'être pas abandonné aux douleurs de la nature sans les consolations de votre Esprit ; car c'est la malédiction des Juifs et des Païens. Je ne demande pas d'avoir une plénitude de consolation sans aucune souffrance ; car c'est la vie de la gloire. Je ne demande pas aussi d'être dans une plénitude de maux sans consolation ; car c'est un état de Judaïsme ; mais je demande, Seigneur, de ressentir tout ensemble et les douleurs de la nature pour mes péchés, et les consolations de votre Esprit par votre grâce ; car c'est le véritable état du Christianisme. Que je ne sente pas des douleurs sans consolation ; mais que je sente des douleurs et de la consolation tout ensemble, pour arriver enfin à ne sentir plus que vos consolations sans aucune douleur. Car, Seigneur, vous avez laissé languir le monde dans les souffrances naturelles sans consolation, avant la venue de votre Fils unique : vous consolez maintenant et vous adoucissez les souffrances de vos fidèles par la grâce de votre Fils unique ; et vous comblez d'une béatitude toute pure vos Saints dans la gloire de votre Fils unique. Ce sont les admirables degrés par lesquels vous conduisez vos ouvrages. Vous m'avez tiré du premier : faites-moi passer par le second, pour arriver au troisième. Seigneur, c'est la grâce que je vous demande.

[XI] (364b) – Senhor, concedei-me a graça de acrescentar vossas consolações aos meus sofrimentos, a fim de que eu sofra como Cristão. Não peço para ser isento das dores, pois esta é a recompensa dos santos: mas peço para não ser abandonado às dores da natureza sem as consolações do vosso Espírito, pois esta é a maldição dos Judeus e dos Pagãos. Não peço para ter uma consolação plena sem nenhum sofrimento, pois esta é a vida na glória. Não peço também para estar na plenitude dos males, sem consolação, pois este é um estado do Judaísmo. Mas peço, Senhor, de sentir conjuntamente as dores da natureza por meus pecados e as consolações de vosso Espírito por vossa graça, pois este é o verdadeiro estado do Cristianismo. Que eu não sinta as dores sem consolação, mas que sinta dores e consolo ao mesmo tempo, para chegar, enfim, a não sentir mais senão vosso consolo sem nenhuma dor. Porém, Senhor, tendes deixado esmorecer o mundo nos sofrimentos naturais sem consolação antes da vinda do vosso Filho único; agora vós consolais e aliviáis os sofrimentos de vossos fiéis pela graça de vosso Filho único; e [enfim] preencheis com uma beatitude totalmente pura vossos santos na glória de vosso Filho único. Estes são os admiráveis degraus pelos quais conduzis vossas obras. Me tirastes do primeiro: concedei-me passar pelo segundo, para chegar ao terceiro. Senhor, é a graça que vos peço.

XII. Ne permettez pas que je sois dans un tel éloignement de vous, que je puisse considérer votre âme triste jusqu'à la mort, et votre corps abattu par la mort pour mes propres péchés, sans me réjouir de souffrir et dans mon corps et dans mon âme. Car, qu'y a-t-il de plus honteux et néanmoins de plus ordinaire dans les chrétiens et dans moi-même, que tandis que vous suez le sang pour l'expiation de nos offenses, nous vivons dans les délices ; et que des Chrétiens qui font profession d'être à vous, que ceux qui par le baptême ont renoncé au monde pour vous suivre, que ceux qui ont juré solennellement à la face de l'Église de vivre et de mourir avec vous, que ceux qui font profession de croire que le monde vous a persécuté et crucifié, que ceux qui croient que vous êtes exposé à la colère de Dieu et à la cruauté des hommes pour les racheter de leurs crimes ; que ceux, dis-je, qui croient toutes ces vérités, qui considèrent votre corps comme l'hostie qui s'est livrée pour leur salut, qui considèrent leurs plaisirs et les péchés du monde, comme l'unique objet de vos souffrances, et le monde même comme votre bourreau, recherchent à flatter leurs corps par ces mêmes plaisirs, parmi ce même monde ; et que ceux qui ne pourraient, sans frémir d'horreur, voir un homme caresser et chérir le meurtrier de son père qui se serait livré pour lui donner la vie, puissent vivre comme j'ai fait, avec une pleine joie, parmi le monde que je sais véritablement avoir été le meurtrier de celui que je reconnais pour mon Dieu et mon Père, qui s'est livré pour mon

propre salut, et qui a porté en sa personne la peine de nos iniquités ? Il est juste, Seigneur, que vous ayez interrompu une joie aussi criminelle que celle dans laquelle je me reposais à l'ombre de la mort.

[XII] (364b-365a) – Não permitais que eu esteja em tal distanciamento de vós, que possa considerar vossa alma triste até a morte e vosso corpo abatido pela morte por meus próprios pecados, sem me alegrar de sofrer tanto no meu corpo quanto na minha alma. Pois, que há de mais vergonhoso e, entretanto, de mais comum nos Cristãos e em mim mesmo que, enquanto vós suais sangue para a expiação de nossas ofensas, vivemos nas delícias [?]; e que Cristãos fazem voto de estar convosco, senão aqueles que pelo batismo renunciaram o mundo para vos servir, senão aqueles que juraram solenemente, à frente da Igreja, de viver e de morrer convosco, senão aqueles que fazem voto de acreditar que o mundo vos perseguiu e crucificou, senão aqueles que acreditam que vós vos expusestes à cólera de Deus e à crueldade dos homens para remi-los de seus crimes [?]¹² – só estes, digo, que creem em todas estas verdades, que consideram Vosso corpo como a hóstia que se entregou para salvação deles, que consideram os prazeres e os pecados do mundo como o único motivo dos Vossos sofrimentos, e o mundo mesmo como Vosso carrasco, procuram, para lisonjear seu corpo, estes mesmos prazeres, em meio a este mesmo mundo –; ¹³e como estes, que não poderiam, sem fremir de horror, ver um homem acariciar e querer bem o assassino de seu pai que se entregaria para dar a vida a ele [ao filho], podem viver como eu fiz, com plena alegria, entre o mundo que sei ter sido verdadeiramente o assassino daquele que reconheço por meu Deus e meu Pai, que se entregou para minha própria salvação e que carregou em sua pessoa a pena de minhas iniquidades? É justo, Senhor, que tenhais interrompido uma alegria tão criminosa como aquela na qual eu repousava na sombra da morte.

XIII. Ôtez donc de moi, Seigneur, la tristesse que l'amour de moi-même me pourrait donner de mes propres souffrances, et des choses du monde qui ne réussissent pas au gré des inclinations de mon coeur, qui ne regardent pas votre gloire. Mais mettez en moi une tristesse conforme à la vôtre ; que mes douleurs servent à apaiser votre colère. Faites-en une occasion de mon salut et de ma conversion. Que je ne souhaite désormais de santé et de vie qu'afin de l'employer et la finir pour vous, avec vous et en vous. Je ne vous demande ni santé, ni maladie, ni vie, ni mort ; mais que vous disposiez de ma santé et de ma maladie, de ma vie et

¹² Pascal não coloca uma interrogação no final desta frase, no entanto, a questão inicial e geral “[...] e que Cristãos fazem voto de estar convosco [...]” é composta por quatro perguntas-afirmações subordinadas à questão inicial.

¹³ Aqui inicia-se outra pergunta.

de ma mort, pour votre gloire, pour mon salut, et pour l'utilité de l'Église et de vos Saints, dont j'espère par votre grâce faire une portion. Vous seul savez ce qui m'est expédient : vous êtes le souverain maître, faites ce que vous voudrez. Donnez-moi, ôtez-moi ; mais conformez ma volonté à la vôtre ; et que, dans une soumission humble et parfaite et dans une sainte confiance, je me dispose à recevoir les ordres de votre providence éternelle, et que j'adore également tout ce qui me vient de vous.

[XIII] (365ab) – Portanto, retirai de mim, Senhor, a tristeza, que o amor por mim me poderia dar, dos meus próprios sofrimentos, e pelas coisas do mundo, que não alcançam a medida das inclinações de meu coração e não atentam à vossa glória, porém, colocai em mim uma tristeza conforme à vossa. Que meus sofrimentos sirvam para apaziguar vossa cólera. Concedei nisto uma ocasião para minha salvação e para minha conversão. Que, de hoje em diante, eu não deseje saúde e vida senão a fim de empregá-las e dá-las a vós, convosco e em vós. Não vos peço nem saúde, nem doença, nem vida, nem morte, mas que vós disponhais de minha saúde e de minha doença, de minha vida e de minha morte, para vossa glória, para minha salvação e para a utilidade da Igreja e de vossos santos, dos quais espero por vossa graça fazer parte. Só vós sabeis aquilo que me é conveniente: sois o soberano mestre, concedei aquilo que quiserdes. Dai-me, retirai-me, mas conformai a minha vontade à vossa; e que, em uma submissão humilde e perfeita, e em uma santa confiança, me disponho a receber as ordens de vossa providência eterna, e que eu adore igualmente tudo aquilo que me vem de vós.

XIV. Faites, mon Dieu, que dans une uniformité d'esprit toujours égale je reçoive toute sorte d'événements, puisque nous ne savons ce que nous devons demander, et que je n'en puis souhaiter l'un plutôt que l'autre sans présomption, et sans me rendre juge et responsable des suites que votre sagesse a voulu justement me cacher. Seigneur, je sais que je ne sais qu'une chose : c'est qu'il est bon de vous suivre, et qu'il est mauvais de vous offenser. Après cela je ne sais lequel est ou le meilleur ou le pire en toutes choses. Je ne sais lequel m'est profitable de la santé ou de la maladie, des biens ou de la pauvreté, ni de toutes les choses du monde. C'est un discernement qui passe la force des hommes et des anges, et qui est caché dans les secrets de votre providence que j'adore et que je ne veux pas approfondir.

[XIV] (365b) – Meu Deus, concedei que, em uma uniformidade de espírito sempre igual, eu receba todas as formas de acontecimentos, já que nós não sabemos aquilo que devemos pedir, e que, por este motivo, não posso desejar um [acontecimento] antes do outro sem presunção, e sem me tornar juiz e responsável das consequências que vossa sabedoria

quis justamente me esconder. Senhor, sei que eu só sei uma coisa: que é bom vos seguir e que é mal vos ofender. Depois disso, não sei o que é o melhor ou o pior em todas as coisas. Não sei o que me é proveitoso da saúde ou da doença, dos bens ou da pobreza, nem de todas as coisas do mundo. É um discernimento que ultrapassa a força dos homens e dos anjos, e que está escondido nos segredos de vossa providência que adoro e que não quero aprofundar.

XV. Faites donc, Seigneur, que tel que je sois je me conforme à votre volonté ; et qu'étant malade comme je suis, je vous glorifie dans mes souffrances. Sans elles je ne puis arriver à la gloire ; et vous-même, mon Sauveur, n'y avez voulu parvenir que par elles. C'est par les marques de vos souffrances que vous avez été reconnu de vos disciples ; et c'est par les souffrances que vous reconnaissez aussi ceux qui sont vos disciples. Reconnaissez-moi donc pour votre disciple dans les maux que j'endure et dans mon corps et dans mon esprit pour les offenses que j'ai commises. Et, parce que rien n'est agréable à Dieu s'il ne lui est offert par vous, unissez ma volonté à la vôtre, et mes douleurs à celles que vous avez souffertes. Faites que les miennes deviennent les vôtres. Unissez-moi à vous ; remplissez-moi de vous et de votre Esprit-Saint. Entrez dans mon coeur et dans mon âme, pour y souffrir mes souffrances, et pour continuer d'endurer en moi ce qui vous reste à souffrir de votre Passion, que vous achevez dans vos membres jusqu'à la consommation parfaite de votre Corps ; afin qu'étant plein de vous ce ne soit plus moi qui vive et qui souffre, mais que ce soit vous qui viviez et souffriez en moi, ô mon Sauveur ; et qu'ainsi, ayant quelque petite part à vos souffrances, vous me remplissiez entièrement de la gloire qu'elles vous ont acquise, dans laquelle vous vivez avec le Père et le Saint-Esprit, par tous les siècles de siècles. Ainsi soit-il.

[XV] (365b) – Portanto, concedei Senhor, que tal como eu seja, que me conforme à vossa vontade; e que, estando doente como estou, vos glorifique nos meus sofrimentos. Sem eles não posso chegar à glória; e mesmo vós, meu Salvador, nela [à glória] não tendes querido chegar senão por eles [sofrimentos]. É pelas marcas de vossos sofrimentos que vós fostes reconhecido por vossos discípulos, e é também pelos sofrimentos que vós reconheceis aqueles que são vossos discípulos. Reconhecei-me então como vosso discípulo nos males que eu suporte tanto no meu corpo quanto no meu espírito pelas ofensas que cometi. E, já que nada é agradável a Deus se não lhe for oferecido por vós, uni minha vontade à vossa, e minhas dores àquelas que tendes sofrido. Concedei que as minhas tornem-se as vossas. Uni-me a vós; preenchei-me de vós e do vosso Espírito Santo. Entrai no meu coração e na minha alma para ali sofrer meus sofrimentos e para continuar a suportar em mim aquilo que vos resta sofrer em

vossa Paixão, que vós findais¹⁴ em vossos membros¹⁵ até a consumação perfeita do vosso Corpo, a fim de que, estando pleno de vós, que não seja mais eu quem viva e quem sofra, mas que seja vós que vivais e sofraís em mim, ó meu Salvador: e que assim, tendo uma pequena parte dos vossos sofrimentos, vós me preencheis inteiramente da glória que eles vos condescenderam, na qual viveis com o Pai e o Santo Espírito, por todos os séculos dos séculos. Amém!

Referências

BÉGUIN, Albert. *Pascal par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

CARRAUD, Vicent. *Pascal et la Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: Commentaires*. Paris: Vrin, 1971.

JANSENIUS, Cornelius. *Discours de la réformation de l'homme intérieur*. trad. Andrei Venturini Martins. Paris, s.e. 1642. (Tradução no prelo pela Editora Filocalia – 1º semestre de 2016).

LEDUC-FAYETTE, Denise. *Pascal et le mystère du mal*. Paris: Clerf, 1996.

PASCAL, Blaise. Le Memorial, Laf. 913. In: _____. *Pensées*. Edition de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 618.

_____. Prière pour demander à Dieu le bom usage des maladies. In: _____. *Ouvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 362 – 365.

PÉRIER, Gilberte. La vie de Monsieur Pascal. In: PASCAL, Blaise. *Ouvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 17 – 33.

¹⁴ “vous achevez”. A passagem sugere a permanência até o fim.

¹⁵ Pascal vê a si mesmo como *membro* através do qual Deus, na pessoa de seu Filho, sofrerá até o fim dos tempos.